

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *Algunas considerações sobre o baptismo, III*, pelo Padre Joaquim José Soares; *As filhas de Maria aos pés do Santo Padre*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 13.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *As Irmãs da Caridade*, pelo Padre Valente; *Vimaranenses!* por Dom Antonio d'Almeida; *Origem dos tumultos na Madeira*, por ****; *Festas ao SS. Coração de Jesus: Em Unhues-Velho; Em Maçans de D. Maria*.—Secção Litteraria: *Parque*, poesia, por Mattos Ferreira.—Secção Illustrada: *Fernão de Magalhães*; *Magalhães Lima toca em todas as festas a mesma musica*.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

Gravuras: *Retrato de Fernão de Magalhães; Igreja de Andellys; Magalhães Lima toca em todas as festas a mesma musica.*



FERNÃO DE MAGALHÃES

SECÇÃO RELIGIOSA

Algunas considerações sobre o baptismo

(Continuado do n.º 17)

III

PARA nós, os catholicos, a auctoridade da Igreja é infalivel, porque tem assegurada a assistencia do Espirito Santo; e é um ponto de fé, ensinado pela mesma Igreja, que os meninos baptisados, morrendo na sua innocen-

cia, são eternamente felizes no ceo; que os meninos que morrem sem baptismo estão privados d'essa felicidade, é tambem para nós artigo de fé.

Mas até que ponto lhes faz Deus conhecer a grandeza do bem de que estão privados?

Em que grau de dôr e de amargura sentem elles a sua privação?

E' para nós um segredo encerrado pelas portas da eternidade, além das quaes não alcançam as nossas investigações; porém não estamos obrigados a crer que d'ella se acham tão dolorosamente affectados como o estarão aquelles que, pelas suas culpas pes-

soaes, perderam esse bem immenso.

Mas insistimos ainda: Sofrerão, além d'essa privação da felicidade eterna, alguma pena positiva, denominada «*de sentido*», tal como a do fogo?

A este respeito a Igreja nada tem decidido, e permite a cada um encarar a questão como lhe aprouver e fôr mais plausivel.

S. Fulgencio, no seculo V, S. Gregorio, o Grande, no seculo VI, e depois d'elles muitos theologos, julgaram que os meninos não baptisados, além de serem privados da Bemaventurança, soffriam tambem, por causa da culpa original, alguma pena sensivel, a do

fogo, mais ou menos intensa; mas sabemos egualmente que a opinião contraria foi abraçada por S. Gregorio Nazianzeno, por Santo Thomaz, e pelo maior numero dos doutores das escholas, sem que se tenha levantado contra elles alguma reclamação por parte da Igreja, guarda e depositária da fé.

Isto, pois, não mostra senão uma divergencia d'opinões, segundo a qual é permittido a cada um seguir o seu parecer.

Santo Agostinho, esse astro fulgurante da Igreja, na sua obra contra Juliano, lib. 5.º cap. 2, n.º 44, diz assim:—«Eu não digo que os meninos mortos sem baptismo devem padecer uma tão grande pena (do inferno), e que valeria mais para elles não terem nascido. . . . Ainda que não posso decidir o que, qual, e quão grande será a sua condemnação, não me atrevo contudo a dizer que seria melhor para esses meninos o não existirem, do que permanecerem n'esse estado». *Ego autem non dico parvulos, sine Christi baptisate morientes, tanta poena esse plectendos, ut eis non nasci potius expedit; cum hoc Dominus non de quibuslibet peccatoribus, sed de scelestissimis et impiis dixerit. . . Quae, qualis et quanta erit, quamvis definire non possim, non tamen audeo dicere quod eis ut nulli essent, quam ut ibi essent, potius expediret.*

S. Gregorio Nazianzeno exime de dor, de afflicção e tristeza, as crianças mortas sem baptismo: *Nec coelesti gloria, nec supplicii, a justo iudice afflictiuntur, utpote qui licet non signati non fuerint, improbitate tamen careant. . . Neque quis honore indignus est, statim etiam poenam promoretur.* (1)

S. Gregorio Nysseno pensa como S. Gregorio Nazianzeno: *Immatura mors infantium, neque in doloribus ac mestitia esse eum qui sic vivere desit, intelligendum esse suggerit.* (2)

Innocencio III faz consistir a pena do peccado original na privação da visão de Deus, e a pena do peccado actual nos supplicios eternos: *Pena originalis peccati est coelesia visionis Dei; actualis vero peccati est gehennas perpetuae cruciatus.* (3).

Santo Thomaz afirma que as crianças sem baptismo apenas têm uma noticia vaga da felicidade em geral, mas não em especial; e por tanto nada soffrem, porque não lhes peza haver a perdido: *Cognoscunt quidem beatitudinem in generali, secundum communem rationem, non autem in speciali, ideo de ejus amissione non dolent.*

Alguns theologos, entre os quaes se

conta Ambrosio Catharino, têm chegado a afirmar que estas crianças sentem uma especie de bemaventurança natural, a qual não explicam em que consiste, pela simples razão de, n'estas materias, só se poder discorrer por conjecturas.

Sem embargo, não deixaremos de observar que esta doutrina não foi condemnada pela Igreja (como diz Balme), sendo para notar que o mesmo Santo Thomaz, tão medido em todas as suas palavras, não deixa de dizer que estas crianças se unem a Deus pela participação dos bens naturaes, e assim poderão alegrar-se tambem dos mesmos com conhecimento e amor natural: *Sibi (Deo) conjungentur per participationem naturalium bonorum, et ita etiam de ipso gaudere poterunt naturali cognitione et dilectione.* (4).

A pena que estas crianças padecem compara a moi opportunamente Santo Thomaz a que soffrem os que, estando ausentes, são despojados de seus bens, mas ignorando-o elles.

Com esta explicação se concilia a realidade da pena com a nenhuma afflicção do que a padece: e eis-nos conduzidos a um ponto em que permanece salvo o dogma do peccado original, e o da pena que segue, sem nos vermos precisados a imaginar um numero immenso de crianças, atormentadas por toda a eternidade, quando, pela sua parte, não exerceram nenhum acto pelo qual merecessem tão grande supplicio.

E não se affirme que a privação da Bemaventurança para as crianças mortas sem baptismo, depõe de algum modo contra a justiça de Deus.

Não.

A felicidade de ver e possuir a Deus no céu, e de o contemplar nas suas perfeições adoraveis, n'essa formosura sempre antiga e sempre nova, como diz Santo Agostinho, essa felicidade e ventura é um bem tão summamente gratuito, que se Deus o não houvesse proposto, nem os homens sequer o haveriam conhecido, quanto mais pretendel-o. «Que direito, pois, se arrogam? E se o seu direito é nullo, em que os agrava Deus? Supponha-se que um principe concedesse a um popular a graça de comer no seu paço; teria este rasão queixando-se de não ficar assim estabelecido para sempre? A não ser que a liberalidade se convertesse em obrigação, e que beneficiar dentro d'um certo limite seja injustiça, não se poderia censurar a conducta de Deus».

Melhor e mais claro:

«O que é a Bemaventurança eterna? Segundo a fé catholica, é a visão intuitiva e a posse beatifica de Deus. Este estado é natural ao homem? Por

modo algum: é um estado inteiramente sobrenatural, que sem auxilio tambem sobrenatural nunca poderá ser conseguido. Aggravaria Deus a creatura não a elevando a elle? Sem duvida não. Aggravou elle as pedras, por lhes não dar vida como ás plantas, e sentidos como aos animaes? Não certamente. Seguindo este raciocinio, qual seria o goso que corresponderia ao homem, se elle não fosse elevado á ordem sobrenatural? Seria um goso puramente natural, proporcionado aos seus sentidos e rasão, e não haveria pedir maior recompensa por quanto os homens podessem obrar para com Deus. Não haveria n'isto vislumbre de crueldade nem injustiça, porque Deus concederia ao homem um premio proporcionado aos seus merecimentos.

«Um exemplo: Um principe quer premiar dois dos seus vassallos. Que faz? Um premeia o por forma extraordinaria, e em sua bondade reparte com elle o governo; e ao outro, em proporção com os seus serviços, dá-lhe feudos e honras. Commette alguma injustiça com este ultimo a quem remunera com o devido, pela circumstancia de recompensar o outro com mais largueza? Ninguém se atreverá a dizer tanto. Pois este é o nosso caso. Premeia por forma completamente extraordinaria, isto é com a visão beatifica, aos que pelo baptismo alcançaram um estado sobrenatural; e ás crianças que fallecem sem aquelle sacramento, limita-se a proporcionar-lhes uma condição conforme á sua natureza, e concede-lhes uma participação de bens naturaes, e um natural conhecimento e amor de Deus» (1), como diz Santo Thomaz.

Por tanto, se os meninos fallecidos sem baptismo são privados da visão beatifica, vemos n'isso, em quanto a elles, a perda d'uma immensa felicidade; mas da parte do Soberano Juiz, que lh'a não deve, não ha mesmo sombra alguma de injustiça.

Concluamos este nosso humilde trabalho.

Como é natural, os theologos têm-se aproveitado da circumstancia adiaphora que caracteriza esta questão, para emittr varias opinões mais ou menos fundadas, sobre as quaes é difficil formar um juizo acertado, faltando-nos noticias que só a revelação poderia dispensar-nos.

Como quer que seja, diz ainda Balme, parece muito rasoavel a doutrina de Santo Thomaz—de que as crianças poderão ter um conhecimento e amor de Deus na ordem puramente natural, sendo-lhes dado gosar d'estes bens que

(1) Orat. 40.

(2) Orat. de Infantibus.

(3) Ex cap. *Majores do baptismo.*

(4) In II S. D. S., 33, 9, 2 a 2.

(1) Respostas Populares ás objecções mais communs contra a Religião, pelo Padre Secundo Franco, vol. I, cap. II.

lhes outorgou o Creador. Sendo creaturas intelligentes e livres, não podemos suppor-as privadas do exercicio de suas faculdades, pois do contrario seria preciso considerar seus espiritos como substancias inertes, não pela sua natureza, senão por estarem ligadas suas potencias da ordem intellectual e moral.

E como, por outra parte, não se admite que soffram pena de sentido, e se affirma que não se queixem da de d'anno, é preciso conceder-lhes as affeições que em todo o ser resultam naturalmente do exercicio de suas faculdades.

Arrematarei, finalmente, com as sublimes phrases do insigne e venerando Bispo d'Hermopolis:—«Quando a Igreja falla, o verdadeiro fiel não tem outro recurso senão a submissão: não ha genio nem sciencia humana que não deva humilhar-se perante essa Igreja docente, à qual Jesus Christo confiou o sagrado deposito. As promessas do divino Verbo abraçam todos os tempos. Assistida pelo Espirito de Verdade, a Igreja deve atravessar todas as edades na inviolavel pureza de sua doutrina. Ella é tão verdadeira hoje no seu ensino, como o era ha dezoito seculos. Por consequencia, a unica coisa que interessa essencialmente ao fiel, é saber o que a Igreja ensina; não tem necessidade de remontar mais alto, nem de examinar mais adiante: a sua auctoridade, eis a sua regra. Se os espiritos chegam a ultrapassar essa barreira sagrada, esperae vê-los approvar todos os erros sem ficarem satisfeitos com algum, e, impellidos por uma esultta curiosidade, cair, em fim, nos mais extraordinarios extravios. Por tanto, desde o momento em que a Igreja decide, sejamos dóceis como devem ser os meninos para com sua mãe, respeitada e ternamente amada, e não vejamos n'ella um tyranno que deseja sujeitar-nos aos seus caprichos; saibamos usar da prudente liberdade que ella mesma auctorisa; e, certamente, se é crime a seus olhos converter os seus dogmas em opiniões humanas, seria tambem excesso mui reprehensivel converter as opiniões particulares em dogmas catholicos. . . . Se, pois, a Igreja Catholica decidir sobre o que se acha em controversia a respeito da sorte dos meninos mortos sem serem baptisados, nós não disputaremos com ella, e submetter-nos-hemos, em espirito e coração, sem reserva, à sua decisão suprema; mas até esse ponto, livres em nossas opiniões, inclinar-nos-hemos a abraçar a que nos parecer, segundo as nossas fracas luzes, mais conforme à bondade divina».

Faço minhas estas sabias palavras, porque só tenho por verdadeira scien-

cia aquella que se esclarece ao pharol da fé, que a tem por mestra e guia no labutar de suas investigações, que se dobra e curva às suas intimações.

Padim da Graça—Julho de 1888.

P.º Joaquim José Soares.

As Filhas de Maria aos pés do Santo Padre

(Continuado do n.º anterior)

A HORA marcada, apresentou-se o Eminentissimo Cardeal Monseñhor Bianchi, que tomou a Presidencia, tendo a seu lado um Senhor Bispo, a Ex.ª Sr.ª Marizé, a varios principes e outras pessoas da nobreza romana, occupando logar distincto os Directores das Associações estrangeiras.

Recitaram-se com mestria formosissimas poesias a Santa Iguéz e ao Pontificado e muitas outras, cantando admiravelmente um formosissimo Hymno a Leão XIII um côro de sessenta Filhas de Maria. Depois de terminado procedeu-se com alegria ao sorteio do estandarte. Rarissimas vezes no mundo reina unanimidade quando são muitos os que desejam um mesmo objecto; não assim n'esta occasião, apesar do estandarte attrahir as attentões de quantos alli se reuniam pelo singularissimo motivo de ser benzido por Sua Santidade, e mesmo por sua belleza e perfeição artistica; ao nomear em alta voz a Associação agraciada com o premio, uma exclamação, unanime de goso, significou a complacencia de todas ao ouvir que as Filhas de Maria de Paray le-monial, berço da devoção ao Coração de Jesus, tinham sido as contempladas no sorteio.

Assim se deu por terminado tão imponente acto, despedindo-nos umas das outras, talvez para não mais nos vermos, mas guardando no coração dulcissima e grata recordação do objecto e fim de nossa viagem. . .

Aproveitamos os dias que nos restavam até à chegada da peregrinação hespanhola, presidida pelo nosso Excellentissimo Prelado, e à qual desejavamos reunir-nos, em despedir-nos dos illustres personagens, que nos haviam favorecido com seus obsequios, merecendo nossa especial gratidão o Eminentissimo Cardeal M. Rampolla, de quem tivemos a honra de ser recebidas duas vezes com immensa affabilidade e complacencia, affirmando-nos por vezes a grata recordação que o Santo Padre conservava da Associação hespanhola das Filhas de Maria; o Excellen-

tissimo Senhor Arcebispo de Nicosia, presidente da Associação, de cuja immensa bondade nunca nos olvidaremos, e Monsenhor Antonini, que nos acompanhou na audiencia.

As grandes alegrias são irmãs gemelas das grandes dôres, na impossibilidade de dar-lhes expansão; que fazer pois, irmãs queridas, nós que tinhamos o coração repleto de ternas e dulcissimas emoções? . . . Depol-as no seio da nossa Mãe Immaculada na sua mesma casinha de Nazareth e collocar tambem n'ella os sacrificios de nossas irmãs de Hespanha, que não tinham podido acompanhar-nos. Vós que tendes na terra ainda esses anjos a quem chamaes mãe, por certo que muitas vezes, ao regressar de longa viagem, haveis experimentado o prazer infindo, que sempre sente a alma saudosa, quando encontra abertos para estreitar-nos os braços do ente querido; e o abandono com que n'esses braços nos lançamos, e os beijos ardentes que n'essa fronte depomos, e os osculos que n'essas mãos imprimimos, não são tambem a expressão de um sentimento de amor que nossa alma sente e que a lingua não pôde expressar, e que vós muitas outras vezes tereis experimentado, gosado e sentido? Pois tudo isto que nós experimentamos ao entrar em casa depois de longa viagem, ao estreitar os braços do ente querido, ao beijar a fronte de nossa mãe, ao oscular a mão que nos abençoa, é nada, irmãs minhas, comparado com o goso, com o prazer que nossa alma sentiu ao penetrar na capella do Loreto, sanctuario onde encarnou o Filho de Deus e onde viveu humildemente a Santissima Virgem, occultando a immensa dignidade a que o Senhor a havia sublimado. Nenhuma de vós ignora, que a casinha de Nazareth, convertida em capella, e adornada convenientemente em seu exterior, está collocada dentro de uma magnifica igreja, construida para guardar tão santa reliquia. Seu interior conservava-se do mesmo modo que quando era sanctuario da sagrada Familia, e um altar em que se celebra a santa missa, permite aos fieis unir-se sacramentalmente ao divino Menino, que por amor de nós encarnou em tão humilde estancia.

O nosso Reverendissimo Director teve a dita de celebrar na mesma casinha, offerecendo o Santo Sacrificio e nós a communhão em acção de graças por tantos beneficios recebidos, e pelas necessidades da Igreja e do Papa e por todas as Associações e irmãs nossas de Hespanha. Dois dias tivemos tão singular dita, que teriamos prolongado, pois confesso-vos que não podiamos nem sabiamos como d'allí nos apartar; mas desejando estar em Roma a tempo para

vêr chegar a peregrinação de Barcelona, effectuamos o regresso, beijando pela ultima vez as paredes e pedras do sagrado recinto e a taça authentica conservada em precioso relicario, donativo da Corôa de Hespanha.

Grande alvoroço reinava na plataforma da estação de Roma á chegada do comboio, que conduzia a numerosa peregrinação catalã presidida pelo nosso Excellentissimo Senhor Bispo, acompanhado do Excellentissimo Bispo auxiliar de Saragoça e um avultadissimo

ao nosso amado Pontífice, ia adquirir um valor muito superior ao ouro e aos diamantes. Sua Santidade dignava-se servir-se, na celebração da Santa missa, da nossa simbolica palmatoria. Momentos antes de entrar o Santo Padre na sala das canonizações, aonde se tinha erigido o altar, nosso amantissimo Bispo, com grande entoação de voz e perceptível accento annunciou aos assistentes, que Sua Santidade ia celebrar, usando da alba e cordão, offerta da diocese de Barcelona, e servin-

porque suas misericordias não tem numero, e porque se dignou exaltar nossa Associação que só deseja e tem por fim honrar a Maria, nossa Mãe.

Nosso Excellentissimo Senhor Bispo, desejando consolar a alguns que não tinham tido a dita de beijar o pé na primeira recepção, impetrou de Sua Santidade segunda audiencia somente para os hespanhoes, que lhes foi concedida da melhor vontade.

Todas sabeis quão consoladora foi para todos os que a ella assistiram;



EGREJA DE ANDELLYS

numero de diocesanos. Todos aquelles que por um ou outro motivo se viram forçados a adeantar a viagem, todos se encontravam na plataforma; sendo nosso intento saudar nosso veneravel Prelado e pôr-m'o-nos ás suas ordens, tivemos ensejo de apertar a mão de numerosos amigos e conhecidos entre os quaes se destacavam bastantes Filhas de Maria. N'aquelles dias incorporamos na peregrinação, desfructando de novas consolações e sobretudo a de ter a dita de vêr mais uma vez a Sua Santidade, e de ouvir a missa que celebrou em obsequio aos hespanhoes.

Tomavamos tambem grande parte, irmãs queridas, n'este acto de paternal benevolencia para com nossa Nação, pois o presente, que nós, as Filhas, de Maria de Hespanha, haviamos oferecido

do-se da palmatoria das Filhas de Maria. Um sentimento de gozo se estampou em todos os semblantes, que se tornou mais sensível no momento, em que, reinando immenso silencio, lhe vestiram a magnifica alba e lhe apertaram o cordão, que justamente atrahia a atenção dias antes na Exposição Vaticana por sua riqueza e delicado trabalho.

Assistiamos segunda vez ao Santo Sacrificio, oferecido pelo Vigario de Jesus Christo; por duas vezes nosso bom Deus havia diffundido suas consolações em nossos corações, e não pequeno gozo sentiamos ao vêr nossa humilde offerenda occupando tão honroso lugar, podendo dizer a quantas para ella haviam contribuido: alegrai-vos, irmãs minhas, e louvai ao Senhor,

n'ella ninguem se viu excluido de beijar a mão do Santo Padre e receber sua bênção, e por isso falarei somente do que diz respeito á nossa Associação. Reunidas as que formavamos a relação de Hespanha, e tendo pendentes do collo a medalha da Associação pozemo-nos em fileira como os demais assistentes, n'uma das salas de Raphael, por onde devia passar o Santo Padre. Não posso expressar-vos a agradavel surpresa que tivemos ao aproximar-se do nosso grupo e ao ouvi-lo exclamar: «Filhas de Maria! que alegria!» e pegando na medalha da que estava em primeiro logar a beijou: para todas teve palavras e caricias e de novo nos abençoou collocando suas sagradas mãos sobre nossas cabeças, e deixando-nos tão commovidas, que

não faltou quem receiasse perder os sentidos ao levantar-se.

Solemne e ultima benção recebemos ao despedir-se em geral dos hespanhoes, ficando em nosso coração, irmãs queridas, gratissima e immorreioira recordação de nossa viagem à Cidade Eterna, o praser de haver representado às Filhas de Maria de Hespanha, e a certeza de haver cumprido a missão que a SS. Virgem Maria nos confiara. Confirme nossa Immaculada Mãe com sua graça os favores recebidos, para que fieis a nosso glorioso titulo, vivamos e morramos sob as dobras de seu celestial manto.

Maria.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

1:3.º

(Continuado do n.º anterior)

XXIII

P. Francisco Antonio Zaccaria

Á dissemos em um artigo antecedente que não intentamos, nem isso seria possível, fallar aqui de todos os jesuitas que teem direito a uma menção honrosa, mas somente dos mais notaveis.

E entre estes mesmos apenas apresentamos em resumo uma noticia dos que geralmente são considerados como classicos na sciencia theologica e na litteratura catholica, ou que por varias circumstancias tiveram influencia no movimento religioso ou moral da sociedade.

Assim, como o leitor terá notado, não mencionamos Santo Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja e ainda outros, bem dignos de figurar n'esta galeria: porquanto os referidos mais se distinguiram por sua santidade que por outras circumstancias; e, alem d'isso, só tratamos dos jesuitas sobre os quaes pôde haver alguma controversia, e que se tornaram mais celebres nas escholae.

Vamos, pois, agora occupar-nos d'um dos mais illustres filhos de Santo Ignacio, de grande reputação na Italia, e ainda em toda a Europa: é o P. Francisco Antonio Zaccaria, que nasceu em Veneza, no anno de 1714. Entrou muito joven na Companhia de Jesus, de que foi o ornamento por suas virtudes e talentos.

Não ha ramo algum das sciencias em que se não mostrasse exercitado e habil. Era dotado d'um genio fecundo, es-

pirito vivo, memoria prodigiosa e engenho agudissimo. Eloquentor orador, fino critico, grande theologo, profundo e infatigavel historiador, defensor acerrimo da Santa Sé e da Companhia de Jesus, o P. Zaccaria foi celebrado em todo o mundo.

Foi algum tempo regente de rhetorica no collegio de Govvitz, e por muitos annos dedicou-se à prégação do Evangelho em toda a Italia, com grande fructo dos ouvintes, porque a sua grande sciencia e notoria virtude levava apoz de si todos os animos.

O sabio cardeal Angelo Maria Juirini, bispo de Brescia, conhecendo o merito litterario do jesuita Zaccaria, recomendou-o para dirigir a bibliotheca de Brescia. O duque de Modena nomeou-o conservador da sua bibliotheca ducal, para substituir o lugar do immortal Muratori, fallecido em 1750.

Em seguida foi chamado a Roma pelo Geral da Companhia para continuar a bibliotheca dos escriptores da mesma Ordem, principiada por Pedro de Ribadeneira e outros jesuitas. Não chegou, porem, a publicar cousa alguma sobre este assumpto.

O P. Zaccaria foi o mais valente defensor da Santa Sé contra os jansenistas, com especialidade contra o chamado Justino Febronio, allemão, cuja obra refutou. Clemente XIII fez d'elle grande estimação, e ainda o mesmo Clemente XIV, depois de extincta a Companhia de Jesus, o respeitava.

No tempo de Pio VI creou-se em Roma uma Academia ecclesiastica de estudos sagrados, que era um seminario de Bispos, Nuncios, Cardeaes, Legados e Papas; comprehendia, pois, no seu seio todo o futuro da Igreja romana. O Pontifice lhe deu por mestre o jesuita Zaccaria.

Era um emprego da maxima importancia: a sua principal missão consistia em formar os Nuncios apostolicos; e assim o nosso homem era o mestre dos que tinham de ir instruir os povos e discutir com os governos.

No tempo do mesmo Pontifice occupou Zaccaria a cadeira de historia ecclesiastica no collegio da Sapiencia.

Não houve quem escrevesse maior numero de obras, nem com mais elegancia de estylo, pureza de lingua e eloquencia. As suas obras são innumeraveis em todos os generos; das impressas contam-se cento e seis, deixando muitos manuscritos.

Escreveu a *Historia Litteraria da Italia*, que consta de quatorze volumes, obra famosa pela variedade de conhecimentos e pela fina critica do auctor.

Defendeu os principaes casuistas ou auctores de moral da Companhia de Jesus, reimprimindo as suas obras com varias notas. A principal obra n'este

genero é o *Supplemento d theologia moral* do P. Claudio La-Croix, tão censurada por alguns theologos.

Santo Affonso de Liguori, seu contemporaneo, estreitou com elle intima amizade, e lhe pediu que escrevesse alguma cousa para pôr á frente da sua theologia moral; e o sabio jesuita Zaccaria escreveu uma *Dissertação preliminar* que serve de introdução á obra do santo Doutor da Igreja.

Morreu este doutissimo religioso da Companhia em 1795, justamente celebrado pelos homens mais graves do seu tempo.

Como este jesuita sobreviveu muito tempo á extincção da sua Ordem, e tomou parte activa nas luctas que então se travaram entre a eschola catholica e a jansenista, defendendo com coragem os direitos da Santa Sé e a Companhia de Jesus, deve ser considerado como um dos homens mais notaveis.

Effectivamente, poucos homens teem sido mais fecundos e laboriosos que o jesuita Zaccaria; e poucos teem mostrado mais afeição á Santa Sé, nem mais zelo em defender as suas prerogativas.

Notaremos aqui por fim que nos ultimos annos da Companhia (fallamos em relação a 1773 em que foi extincta; porquanto, sendo depois restabelecida, é hoje uma congregação religiosa legalmente existente)... nos ultimos annos da Companhia, repetimos, os jesuitas ainda dominavam pela simplicidade de suas virtudes; faziam-se amar pelas graças do seu espirito, pela justeza do seu raciocinio, por sua polidez cheia de tacto. Revelavam-se ainda oradores, historiadores, philosophos, criticos, eruditos, litteratos, theologos, mixticos.

E em todos os tempos a Companhia produziu d'estes homens.

(Continua).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

As Irmãs da Caridade

QUANDO OS Apostolos começaram a prégar o Evangelho vindo a Synagoga que os mitagres, que elles obravam constantemente, e a vida santa dos primeiros christãos, augmentavam todos os dias o numero dos fieis, de tal modo se irritou que por tres vezes os obrigou a comparecerem perante o synhedrio judaico. Da primeira vez ordenou lhes que não falassem mais nem pregassem de serem severamente castigados. Da segunda vez prendeu-os, mas foram

soltos pelo anjo do Senhor; e da terceira agoitou-os ignominiosamente.

Como nem as ameaças nem os castigos os intimidassem, antes se mostravam cada vez mais intrepidos, e davam respostas cheias de força e de sabedoria, os judeus exasperaram-se tanto com isso, que já se dispunham a mandal-os matar, quando um veneravel doutor da lei, por nome Gamaliel, os conteve com um conselho tão prudente como simples: «Não vos mettaes com estes homens, disse elle, e deixae-os; porque se a sua obra vem dos homens, ella se desvanecerá; porem se vem de Deus não a podereis desfazer.»

E assim foi. Dezenove seculos têm decorrido na ampulheta dos tempos, e a obra dos Apostolos, porque era de Deus, tem permanecido immovel em meio dos ventos e das tempestades que se agitam em redor d'ella, sem sequer lhe terem aluido a mais pequenina pedra.

A similhaça do de Gamaliel aos judeus, um conselho tambem aos senhores d'Aveiro em tudo prudente e simples como aquelle: Não vos mettaes com as IRMÃS DA CARIDADE, vos digo eu, e deixae-as; porque se essas mulheres fazem o bem com vistas inteiramente mundanas e até com fins sinistros, como dizeis, é uma obra assente na terra, que não poderá subsistir por muito tempo e que por si mesma se desfará. Se porem o fazem pelo amor de Deus e do proximo e com vistas tão somente no premio, que d'Elle hão de receber, é então obra assente no céu, que os homens não podem destruir, nem obstar a que prosiga.»

Podem, é verdade, fazel-as sair d'Aveiro, e assim privar a sua terra dos beneficios que ellas prestam; mas o que não podem é obstar a que sejam acolhidas noutros pontos do paiz com a benevolencia e agrado, de que são merecedoras.

Dizem que essas pobres mulheres são instrumentos, de que os Jesuitas se servem para certos fins, talvez para mudarem as instituições, que nos regem, para deporem do throno uns reis e collocarem n'elle outros; pois é esta uma das accusações, que em todo o tempo tão injustamente lhes têm sido feitas.

Mas quem propala contra os jesuitas este e outros aleives? Os que os não conhecem. Querem os senhores d'Aveiro, com especialidade o sr. *Livio Dejalma*, que tão enraivecido se mostra contra os jesuitas, saber o que elles foram e todos os mais *frades* de todas as *ordens* religiosas, que existiram no nosso paiz? Se o querem saber, promptamente lhes offereço emprestada uma obra intitulada «Os Frades», pequena no volume, mas grande e muito importante no fundo e na forma; na qual poderão

lêr o que com a maior imparcialidade e inteireza de justiça, que os caracteriza, dizem d'uns e d'outros os nossos principaes sabios do seculo actual, como A. Herculano, A. Garrett, Castilho, Pedro Diniz, Silvestre Pinheiro, C. Castello Branco, Gomes d'Amorim e R. da Silva etc. etc.) alguns dos quaes chegaram a comer o pão amassado com as lagrimas do exilio, pois, como sabem, todos elles foram e são liberaes.

Alem d'estes encontrarão tambem na mesma uma lista consideravel de escriptores estrangeiros, egualmente muito notaveis, de todas as castas e feitios, — impios —, atheus —, protestantes —, como Lallande, Adam, Lenzmann, Alembert, Lamennais, William Coxe, Macaulay, Edgar Quinet, Lenormet, Paul Lamache, Voltaire, etc. etc.; os quaes todos, embora discordes em politica e religião, são unanimes em depôr a favor dos jesuitas. E' que a verdade é como o sol, diz muito bem o ex.^{mo} sr. João de Lemos; pôde ser obscurecido por nuvens, mas as nuvens dissipam-se o vento, e o sol resplandece de novo allumiando o mundo.

Leiam, pois, a obra que de boa mente lhes offereço; e se o seu espirito tem ainda algo de rectidão e o seu coração não está de todo corrompido, confessarão, bem que lhes pese, que é muito errado o conceito, que fazem dos Frades em geral e dos jesuitas em particular.

E' por obras d'esta natureza que se deve julgar d'uns e d'outros; e não por o que dizem espiritos superficiaes, que não seriam nada n'este mundo, se não fossem calumniadores.

Murtoza 29—7—88.

Padre Valente.

Vimaranenses!

Quão quereis vós, que se vos applique aquella Santissima Critica: *Quis est iste, qui epul edificare, et non potuit consummare?* Por certo anteveis já ao que me vou referir; sim, ao *Monumento de Pio IX*, a completar na vossa distinctissima Guimarães. O pensamento e projecto de tal *Obra* foram nobillissimos e acharam applauso em todo o Portugal Fidelissimo, e por certo este cooperará comvosco na vossa catholica resolução sem que vos roube o merito da iniciativa, nem o *Attestado* visivel e publico da sua magna importancia! Vossa *resolução* teve a singelesa da verdade e a simplicidade da gratidão; que ha de mais natural, que n'uma cidade catholica se alevanto o *Monumento*

commemorativo de um Papa? E porque não a Pio IX, que excedeu os *Dies Petri*, e encheu de assombro todos os que viram o Seu Pontificado, sem que aliás nenhum dos Papas tenha deixado lacuna no desempenho de Sua Missão Divinamente Transmittida, como estamos agora vendo maravilhados no Pontificado de Leão XIII; e Sempre será visto! Mais ainda: Pio IX sentiu e disse dos Portuguezes o que os Portuguezes não podem sem ingratição desejar esquecer, e procurou sempre harmonisar com os Interesses da Santa Igreja a conservação a Portugal de suas Christãs Regalias, concedidas pela Santa-Sé *in edificationem*, e não *in destructionem*, atentos os *Sagrados Canones* e os relevantes serviços feitos à Igreja de Deus pelos grandes Portuguezes! E Guimarães é o *berço* de esta Monarchia. Escusamo-nos de justificar *Aquillo* que por *si-mesmo* está justificado, e digamos: vá por diante a obra do *Monumento* à Sacra Memoria de Pio IX! E a *receita*? Guimarães faça o que poder; appelle para a coadjuvação de todo o Portugal por *minimos* para que todos possam coadjuvar; e creia mais, que é *receita* para toda a *Obra não parar a obra*. Com a subscrição de 50 reis por pessoa, ha pouco promovida e realisada, foi remettida de Portugal uma somma, relativamente não pequena, para a construcção do Tumulo a receber os Venerandos restos mortaes de Pio IX em Roma.

Deus tocará os corações, seja empregada a prudente diligencia como apraz ás Vistas Divinas, e o *Monumento* será em tudo digno «*Do commemorado!*»

Guimarães 22—7—88.

Dom Antonio de Almeida.

As origens dos tumultos na Madeira

A Questão Agraria em evidencia

Um meritissimo Juiz de Direito de uma das Comarcas da Ilha da Madeira, escreve de lá a um seu amigo, filho da Madeira ausente, que é collaborador do «*Progresso Catholico*», as seguintes linhas:

Madeira 14 de Fevereiro de 1888.

Pede-me V... informações sobre a causa dos recentes tumultos da Madeira; se elles têm relação com o systema republicano, ou são, como todos os anteriores, a expressão inconsciente do mal estar actual do povo, originado na organização e distribuição da propriedade n'esta ilha.

Satisfazendo a este seu desejo, pôde o amigo ficar certo que a causa real dos colonos se revoltarem foi a sua pobreza e miseria, oriunda do pessimo systema agricola, existente na Madeira, cujo mechanismo põe o producto de todo o trabalho do Colono nas mãos dos senhores; e tolhe o desenvolvimento das riquezas, ou ao menos de melhorar a sua triste situação, dos colonos, fomentada pelos logistas da cidade, que diziam que o povo ia pagar muitos impostos, lançados pelo Governo, e pelas Juntas de parochia—o que fizeram espalhar pelos campos, servindo-se para isso dos adelos.

Os logistas e habitantes do Funchal, tinham todo o interesse nos tumultos da Madeira com a mira na queda do Governo progressista para ficar sem effeito o seu Codigo administrativo de 1886, que favorece as camaras dos campos na partilha da receita de alfandega do Funchal, pertencente ás mesmas camaras, dando-lhes maior quinhão na partilha; e favorecendo-as com menor quota para pagamento da policia civil.

As camaras com effeito, que já ha annos pagavam com má vontade grandes quotas para a policia civil, e se revoltavam contra a injusta partilha que dava de tal receita só um quarto para ellas, e a restante receita toda para a Camara do Funchal, aproveitaram-se das disposições do novo Codigo administrativo para receberem maior quinhão n'aquella receita (pelo menos metade para todas) e pagarem menor verba para a policia civil. Era, pois, evidente que esta resolução prejudicava a Camara do Funchal muito, porque tinha contrahido grandes emprestimos para a construcção d'um jardim e theatro, e por conseguinte tinha para pagar á policia, occorrer aos encargos, ordinarios, e aos extraordinarios, provenientes d'aquelles emprestimos, de recorrer ao imposto. Fez varias tentativas, bem como a Junta Geral para o lançamento dos impostos precizos para equilibrar a receita com a despeza, mas o povo do Funchal reagia, e isso não desagradava aos proprios vereadores e vogaes da Junta, porque também poupavam as suas algibeiras.

Deixaram de pagar á policia; mas esta gritava, e não convinha extinguir aquelle corpo. Por tanto para que se havia de appellar? Para a revolta. Isso é facil na Madeira, porque o povo é muito ignorante, e os da Cidade acharam no proprio povo o instrumento de advogar a causa d'elles da cidade contra a propria utilidade e interesses dos habitantes dos campos, por quanto deixando as camaras ruraes de pagar um avultado subsidio para a policia, que só utiliza ao Funchal, e recebendo

maior quantia na partilha da receita de alfandega, as mesmas camaras ficavam com meios sufficientes para costearem as suas despezas, fazerem alguns melhoramentos, sem recorrerem ao imposto, antes podiam diminuir alguns dos que recebiam.

Para a revolta do povo era preciso um pretexto, e este foi a installação das Juntas de parochia. Para isto o povo estava disposto ha muito, de 1876, pelos parochos, que sempre que se tratava de eleições de Junta de parochia diziam ao povo que os não elegessem, porque de nada serviam, e tinham de pagar-lhes; e só serviam para lançar imposto ao povo.

O Cod. administrativo de 1876 mandava repetir a eleição tantas vezes até se realizar a eleição da Junta, e quando não fosse possível haver eleição, depois de repetido o acto muitas vezes, a parochia annexava-se a outra para os effeitos de administração.

O Cod. de 1886, pelo contrario, quando senão realisa a eleição, devolve a nomeação da Junta de parochia á Camara municipal. Foi o que aconteceu. Não se fizeram as eleições de Juntas de parochias; as camaras nomearam os vogaes das mesmas Juntas; porem como ao povo muitas vezes se tinha dito que as Juntas só serviam para deitar impostos, coincidindo a installação d'ellas com os factos que deixo narrados, quando no Funchal se dizia, que se iam deitar muitos impostos—esta voz transmitida aos campos pelos adelos, e gente rustica, que ia fazer compras ás lojas, onde os logistas justificavam o augmento do preço das fazendas pelo imposto, foi centelha que se alastrou por toda a ilha, e produziu a revolta, vista a tendencia do povo pela miseria em que se acha por aquelles factos.

Outra causa que também concorreu para a revolta, foram uns escrivães de Fazenda novos, que vieram para alguns concelhos da ilha, e que augmentaram muito ás contribuições industriaes, e de renda de casas—o que lhe facilitou esse procedimento foi estarem classificadas quasi todas, ou todas (menos o Porto Moniz) as villas da Madeira na 4.ª classe para o pagamento de taes contribuições—o que na verdade é grande injustiça, quando vemos que o Funchal está na 3.ª, e na 4.ª Campanhã, Loredello, Foz e Paranhos, nos arredores do Porto, e na 3.ª as terras dos arredores de Lisboa, como Belem, etc.

Na verdade classificar as villas da Madeira, de insignificante população, pobres, e de miseraveis pescadores na classe, em que se acham as terras vizinhas do Porto, e o Funchal na 3.ª, é absurdo, e grande injustiça; e o povo da Madeira, o que sabe, é tão ingrato

e tão máo para os pobres villões, que ninguém reclama contra esta injustiça; e eu mandei para o «Diario de Noticias» do Funchal uma exposição n'este sentido, e aquelle jornal a não publicou, só para o effeito de dizerem que a Madeira contribue muito, e com grande verba para o Estado, occultando a circumstancia que essa grande verba é tirada aos pobres e miseraveis villões, que andam rotos e descalços para os do Funchal pavonearem com o suor dos que deviam proteger e aliviar.

—Pelo que respeita á instrucção popular nos campos da Madeira é desgraçada. Ha, é verdade, escolas em quasi todas as freguezias, porem os professores entregam-se a outros mesteres, não fazendo caso do adiantamento dos alumnos, encarregando a algum o ensino dos condiscipulos, ou a um visinho, tão analphabeto como os alumnos, de sorte que os rapazes sahem da escola sem nada saberem, e ainda com a idéa de fidalgos, e homens de chapéo, e nunca mais pegam na enxada, tornando-se mariolas e vadios, procurando só empregos, ou viverem á custa dos villões, pregando-lhes logros enganosos em baiúcas (tabernas) que arranjam, deixando os serviços da lavoura de seus paes, tratando-os até mal, de sorte que os villões já pedem também que não querem escolas, porque são prejudiciaes á Madeira.

E com effeito sendo os professores da Madeira incutem no espirito dos alumnos um certo desprezo pelos trabalhos do campo, porque como muito bem sabe—homem de chapéu na Madeira não trabalha no campo.

A injustiça, porem, para com os Colonos não vem só de agua, e de a pagarem cara—vem de serem donos das bemfeitorias, que compraram, rompendo e arroleando as terras, e terem de partir todos os fructos a meias com o senhorio, sem que o Colono tire proveito algum do seu capital, ou do trabalho empregado, e despezas feitas no arroteamento d'essas bemfeitorias, quando só pela cultura das terras pelo contrato de parceria lhes pertencia metade dos fructos.

Por esta fórma o senhorio recebendo metade dos fructos é de toda a evidencia que leva uma parte do que pertencia ao Colono. Esta posição dos Colonos, tão amargurada já, attendendo-se que o trabalho na Madeira é todo feito á mão, porque pelo accidentado do terreno não se podem empregar animaes na cultura das terras, é aggravada pelo facto de terem os Colonos de pagar os matos, a agua para regas, as levadagens, hervagens, lenhas, toda a qualidade de verduras, pensão pelas palhoças em que habita, e até pelo chiqueiro

para o porco, não podendo ter um galinheiro para crear uma ave.

Para cumulo de desgraça ainda pagam contribuições.

Mas a miseria dos Colonos não fica aqui:

Não pode explorar como quizer, e lhe aprouver as terras, porque os senhores a isso se oppõem, e o obstam aos melhoramentos das terras para os Colonos não augmentarem o valor das bemfeitorias.

Outros Colonos, pelo contrario, não melhoram a colonia para não augmentarem as rendas dos senhores, desejando até que estes os excluam.

Em todo o caso estas questões entre Colonos e senhores prejudicam o bem-estar de cada um, e a prosperidade publica da ilha.

Outra causa de eterna desgraça para os Colonos são os feitores e olheiros. Estes vão sobre a colonia, obrigam os Colonos a pagar quantias arbitrarias por uns vimeiros, pimenteiros, tomateiros, alvidrando o trigo quasi sempre n'uma quantia que ao pobre Colono não fica nem a semente.

O Colono não é ouvido em tal alvdramento, e senão paga, ou não aceita o que lhe impõe, lá é arrastado aos tribunaes, onde fica sem pelle e camisa, porque geralmente nem tem quem lhe defenda a sua Justiça nos tribunaes.

As festas ao SS. Coração de Jesus

Em Unhaes-Velho

REALISOU-SE no dia 15 do corrente na freguesia d'Unhaes-Velho, concelho de Pampilhosa, uma brilhante festividade em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi tal a concorrência de povo que das freguesias vizinhas alli veio assistir; foi tão cheia d'esplendor a festa; tão repassada de devoção e espirito religioso que mostrou claramente que a devoção do Sagrado Coração de Jesus, em vez de diminuir, se vae agigantando cada vez mais. Todos os habitantes d'aquella freguesia mostravam tanta satisfação e santa alegria, que parecia um delirio.

A igreja estava ricamente ornamentada com profusão de luzes e flores. Ao meio dia celebrou-se missa solemne, cantada a grande instrumental pela bem conceituada philarmonica Paulense, em que o sr. Francisco João Ribeirinho, seu regente, mais uma vez manifestou os seus muitos conhecimentos musicaes.

Foi celebrante o M. R.º Arcyepreste d'este Districto Ecclesiastico e Director do Circulo de Pampilhosa, Padre Antonio Fernandes Cardoso, o qual de bom grado e desinteressadamente se dignou vir tomar parte n'esta festividade.

Ao Evangelho pregou o R.º Padre Manuel Fernandes das Neves, Parocho de Cebolla, do bispado da Guarda, mostrando quanto era bella a devoção do Sagrado Coração de Jesus e as vantagens do Apostolado da Oração, e terminando por affirmar que esta devoção era o grande remedio para os males que actualmente affligem a Igreja e a sociedade, e a tabua de salvação do seculo XIX. A' communhão fez o mesmo orador uma breve allocução a 60 meninos e meninas, que n'esse dia commungaram pela primeira vez, commovendo-se o auditorio até ás lagrimas.

Uma brilhante procissão percorreu em seguida as principaes ruas da povoação, em que figuravam dez anjos, ricamente vestidos, irmandades, meninos da primeira communhão, diversos clerigos que gratuitamente assistiram e philarmonica. Os meninos iam cantando devotos hymnos ao Coração de Jesus, levando bandeiras do Coração de Jesus e de Maria, e dois pequenos andores: um com a imagem da Santissima Virgem e outro com a do Deus Menino. As ruas estavam ricamente adornadas com arcos, colchias e bandeiras, prendendo a attenção o arco que se achava em frente da habitação do ex.º sr. Antonio Vaz Alvares de Carvalho, onde se via um primoroso altar improvisado.

A concorrência do povo era enorme. Variadas flores eram espargidas das janellas sobre a procissão durante o seu percurso. E' muito digno de louvor o

Rev.º Vigario d'esta freguezia, Padre Joaquim Jose Pereira, que não se poupou a trabalhos e despesas para que esta festividade tivesse todo o esplendor possivel. Trabalharam tambem muito para o seu realce todos os Zeladores e Zeladoras e os snrs. Antonio Vaz Alvares de Garvalho, Jose Francisco Baptista, Antonio Jose Gomes e as snrs. Maria Dias da Silva, Maria Joaquina, etc.

28—7—88

Um Parochiano.

Em Muçans de D. Maria

Constemini Domino, et invocanti nomen ejus. Hæc illi immaculati in via, qui ambulanti in Lego Domini. ul. Salmos 104 e 118: 1 e 1.

A devoção dos Sagrados Corações de Jesus e Maria promete es-tender-se por toda a parte, porque vae hoje, felizmente, tão humilde como intrepida, rompendo impavida por entre as

moças e os escarneos, as chufas e os sarcasmos dos pequenos ajuntamentos alvares de meia duzia de insensatos que não querem saber o que dizem nem pensar o que são.

Gloria a Deus nas alturas! E na terra paz aos promotores e protectores de tão sanctos exercicios!

No dia 22 do corrente mez de julho teve lugar na Igreja parochial de Magens de D. Maria do bispado de Coimbra, concelho de Figueiró dos Vinhos, a mui concorrida e solemne festividade dos Sagrados Corações de Jezus e Maria, que correu admiravelmente bem!

Cinco foram as coizas que n'esta deslumbrante festividade mais agradavelmente nos impressionaram, e foram:

A—O pompozo embandeiramento da praça, ruas e cazas particulares por onde a procissão devia passar;

B—A boa ordem e o bom serviço da muzica instrumental, o que todavia não é muito para admirar, porque era de Figueiró dos Vinhos;

C—Um cantico em redondilha menor que, tendo começado por uma só voz, terminou por muitas, e que nunca devera acabar, nem mesmo ter terminado;

D—A multidão de esmolos ou obolos que alli, como em muitas outras bandadas, chamam—fogaças—e que acompanham a Procissão á cabeça das devotas que as offerecem, em lindos açafates caprichosamente enfeitados, desfilando em duas alas, e que n'esta festividade eram cerca de noventa após os magnificos Quadros dos Sacratissimos Corações de Jezus e Maria, o que muito concorreu para tornar a Procissão mais imponente e mais magestosa;

E—O edificantissimo Sermão feito pelo facundo orador, o reverendo Presb. M. L. de Faria, digno coadjutor do zelozo parochio d'aquella freguezia.

O cantico a que nos referimos, foi á Missa, durante a Communhão d'algumas dezenas de adultos.

Entoadado por vozes femeninas no corpo da Igreja, quiz nos parecer que algum Anjo do Ceu ajunctara a sua celeste voz áquellas vozes terrenas, porque nos pareceu demaziado grande e portentozamente divino para partir da bocca de simples peccadoras ou meras devotas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria!

A muzica era a dos Anjos! Divinamente arrebatadora!

Oh sancta e consoladora Religião de Christo, que ha li que te chegue?!... Nada! Porque na terra só tu és Tudo, porque sobre a terra só tu és Grande! Aquelle cantico, ó crenes, aquelle humilde como intrepida, rom-cantico foi o que, sobre tudo, mais nos maravilhou e mais nos commoveu!...

Oh! elle não era da terra, não, porque a terra não canta assim!

Aquellas vozes, posto que do Ceu não fôsem, do Ceu vieram, para o Ceu tornaram!

Jesus é a Vida dos povos, a Alma das nações, a Luz do mundo!

Affina a lyra, poeta,
E canta a Deus nas alturas
E fulmina as mil loucuras
De que a terra jaz repleta!
Louva a Deus nos cantos teus,
Que quanto sôa... sôe Deus!

Cantae, povos da terra,
cantae louvores a Deus!
Entoae canticos em honra
do Senhor!

Cantae em honra do Deus
que subiu a cima de todos
os ceus, ao oriente! Salmo
67, 33 e 34.

Como isto é grande, co-
mo isto é bello!

Era assim que David can-
tava ha cerca de 28 secu-
los!

E nós hoje, depois da
vinda da annunciada Prova
Real da Redempção do
mundo, que fazemos?!...
Na nossa descrença total
ou parcial, atheia ou deis-
tica, sem nos lembrarmos
do que sômos, chamamos
uns pedaços d'asnos ou uns
ignorantões... a esses mi-
lhares de Sabios Doutores
e Virtuozos Patriarchas do
Velho e do Novo Testamen-
to!!!

Oh soberba humana, a
que chegaste!... Pasma
agora ante a multidão de
teus crimes! Mas entre el-
les... um avulta:

Depois da criminozissima extincção
dos Conventos, vida espiritual do pobre
e do rico, e pão dos desgraçados que
hoje morrem á fome... bem vêes o tre-
mendo castigo do teu enorme pecca-
do... na perversidade que cresce e na
mizeria que augmenta! E a respeito de
Conventos...

Pragueja o senhor progresso
Doutor formado na asneira,
Que não quer frade nem freira
Porque odeia o retrocesso!
O progresso retrocede
Quando a liberdade impede!

Saibamos por uma vez
O que é a maçonaria:
E o que provem da anarchia
Que o diga Noventa e tres!
A maçonaria quere
Enthronizar a Voltere!

Mas deixemos esta questão para ou-
tra vez... e concluímos o nosso artigo
felicitando ou parabeneçando a fregue-
zia de Maçaus pelo seu feliz adianta-
mento na sancta devoção dos Sagrados
Corações de Jezus e Maria! E, já que
tão a proposito vem, produzâmos aqui
os seguintes versos:

Jezus e Maria
Cubri-nos de graça,
Que a nossa desgraça
De nós a transvia.

Jezus e Maria
Matae-nos a fome,
Que a fome consome
E o frade a extingua.

O homem... que horror!
Captivo selvagem...
Ultraja a Imagem
Do sen Redemptor!...

Jezus e Maria
A todos guiae,
E ao inu enaiuae
A celica via.....



MAGALHÃES LIMA TOCA EM TODAS AS FESTAS
A MESMA MUSICA

Um homem sem Deus
E' um miseravel:
Que o verme exalçavel
Renegue os atheus!

Jezus e Maria
Cubri-nos de graça,
Que a nossa desgraça
De nós a transvia.

Beatus vir qui non abiit
in consilio impiorum. Quare
fremuerunt gentes? Salmos
1 e 2: 1 e 1.

27 julho 88.

A. d'Almeida.



Gemer n'um exilio
Não é ser diotozo:
Só é venturozo
Quem tem vosso auxilio.

Jezus e Maria
Livrae-nos do mal,
E á hora final...
Servi-nos de Guia.

A vida sem Vós
E' bem lamentavel:
Que o Ceu exoravel
Se lembre de nós.

Jezus e Maria
Ouví nossas preces,
E dae-nos as messes
Que o padre colhia.

Ao pobre, ao mendigo,
Fallece alimento:
Não tem um Convento,
Não tem um amigo.

SECÇÃO LITTERARIA

PARQUE

«Anda em passio el-reil» logo que entramos,
disse alguem. — Conheciamol-o já.
A vêr o parque, pois, nos internamos.

Ha emoções, que só se explicam lá.
De quanto vimos bello, e visitámos,
é violenta a impressão, que tudo dá!

De cedro os bosques, na penumbra escura,
recordam-nos as velhas cathedraes,
na verde nave, em que o tufão sussurra.

Dos lagos sobre os tremulos cristaes;
cás em gottas a luz, d'entre a verdura
dos nobres arvoredos tropicaes.

D'altas rochas na ponta edificado,
como um sonho de artista primoroso,
sorri-nos o palacio acastellado.

As janellas e arcadas, portentoso
e de um gosto oriental e aprinorado,
correu-as um cinzel phantastico.

A palmeira nas relvas ondeantes,
de espadas faz lembrar uma explosão,
nas folhas ponteadas e cortantes.

São os rudes granitos, na feição,
uns cyclopicos crancos de gigantes,
sob a hera pujante e em profusão.

«Viram-n'o já?» tornou a mesma voz.
«Anda com nobres!» E, entre os arvoredos,
sem lhe voltarmos, proseguimos nós.

Sobre um trilho, se encostam dois rochedos;
as vastas alamedas estão sóz;
ansurran fontes murmuros segredos.

Sobre o linho tão farto,—alvas bandeiras,
enrolam-se os penachos; e os bambús
vão reflectir-se em trepidas ribeiras.

O musgo pelos velhos troncos nús,
é veludo de tintas feiticieras,
ao beijo tremulo dos raios da luz.

Chama a atenção de um grupo, profiada,
para os cygnos, que os lagos vão cruzando,
debil menina alegre e fascinada.

Sombrios, a um e outro lado olhando,
ruiva suissa, e de farda agaloada,
dois inglezes passeiam conversando.

Como em nobres columnas de um solar,
de baile em noite,—rêdes de folhagem
nos abctos esguios, vão se enroscar.

Nas esplendidas plumas da ramagem,
estão enormes fctos a lembrar,
o penacho de um regulo selvagem.

«El-rei que passa!... El-rei!... se ouvin dizer,
uns nos outros aos moços descobrindo-se,
na composta attitudo do dever.

E falando, de feito, andando e rindo-se,
longa pera o bigode, apparecer,
e depois, entre as ramas, ir sumindo-se,

el-rei, mais uma vèz, pudemos vêr!...

Matos Ferreira,
prior em Cintra.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Fernão de Magalhães

NAMOS na primeira página da nos-
sa Revista o retrato d'um por-
tuguez illustre, d'um cavalleiro
destemido, de um navegador
audaz.

Fernão de Magalhães teve por
berço a cidade do Porto, foi educado
na corte de D. João 2.º, continuando
ao serviço de el-rei D. Manuel, até que
o seu genio o levou à India, a partici-
par das façanhas que aureolaram a
frente do primeiro vice-rei, D. Francis-
co d'Almeida.

Na India fez parte de todas as gran-
des emprezas, desenvolvendo os seus
vastos conhecimentos nos mares do
Oriente, indo a Malaca, voltando ao
reino para ir em Africa distinguir-se
em Azamor.

Voltando a Portugal requereu a el-
rei D. Manuel um augmento de orde-
nado em remuneração dos seus servi-
ços, o que el-rei lhe recusou, apesar

de Fernão de Magalhães pedir apenas
100 reis mensaes para juntar aos 1850
reis que recebia por mez.

Julgando-se offendido com a recusa
de D. Manuel, Fernão de Magalhães pe-
diu a el-rei licença para sahir do rei-
uo, e foi offerecer os seus serviços ao
rei de Castella, privando Portugal da
gloria de descobrir uma nova passa-
gem para o novo mundo.

Carlos 5.º abraçou a offerta do por-
tuguez despeitado, poz à sua disposi-
ção cinco caravellas de que tomou o
commando geral Fernão de Magalhães,
que lá foi com ellas, tripuladas por
hespanhoes, em busca de novos mares.
No caminho os chefes dos navios re-
voltam-se contra o audaz navegador,
mas elle manda pendurar as cabeças
dos rebeldes nas vergas dos navios, e
segue ávaute, até que dá à Hespanha
o que constitue hoje o seu mais bello
senhorio colonial—As Filipinas, Cuba,
Porto Rico, etc., etc.

Depois de tantos trabalhos, e quando
o valente soldado tentava subjugar um
regulo que não quiz submitter-se, cae
varado de frechas banhado no seu pro-
prio sangue. Assim morreu o homem
que teve lugar a par de Vasco da Gama,
sem receber recompensas dos seus lon-
gos estudos, sem ver o fructo de sua
vingança sobre el-rei de Portugal.

Fernão de Magalhães foi um heroe, e
como tal o aponta a historia; por isso
ahi fica o seu retrato.

Magalhães Lima toca em todas as festas e sempre a mesma musica

A terceira gravura mostra-nos o Ora-
dor *eloquente*, que apparece em toda a
parte—em Lisboa, em Santarem, em
Setubal, em Aveiro, etc. tocando sem-
pre o mesmo instrumento e a mesma
musica contra os jesuitas. E' uma per-
feita gaita de foles. Faz-me lembrar um
patusco que conhecemos ali para os la-
dos da Povoia de Lanhoso, que era cha-
mado para figurar como Rei David em
todas as festas.

Mas o que é certo é que a fama
d'este Magalhães tem chegado por aqui,
e já muitos dos nossos lavradores, dos
que mais luzidas costumam fazer as
esfolhadas tem tenções de pedir a al-
guem para o contratar para vir abri-
lhantar as ditas esfolhadas com a sua
gaita de foles.

Que prazer para as raparigas, para
essas boas raparigas do campo!

SECÇÃO NECROLOGICA



PELO fallecimento de seu irmão es-
tá de luto o nosso bom amigo e
collaborador o Ex.º Sr. José Rey-
naldo Rangel de Quadros Oudinot,
a quem enviamos sentidos pezames,
assim como a toda a familia.

Contava 48 annos o fallecido, e cha-
mava-se Antonio Rangel de Quadros Ou-
dinot, e tinha a sua residencia em Ton-
della na casa do Carvalho de Meuraz.

Tenha Deus sua alma na gloria, e
não lhe faltem as orações de nossos
leitores.

RETROSPECTO DA QUINZENA

NO dia 24 do passado mez de julho
chegou a Coimbra S. Ex.ª R.ª o
Sr. D. Antonio Sebastião Valente,
Arcebispo de Goa, Patriarcha das
Indias e Primaz do Oriente, accompa-
nhado de Monsenhor Almeida Silvano,
seu Secretario, hospedando-se em casa
do nosso bondoso amigo o Ex.º Sr.
Dr. José Leite Ribeiro Freire.

S. Ex.ª R.ª partiu para Lisboa, d'on-
de, de certo, seguirá para o scio de
sua Ex.ª Familia, a quem damos os
parabens por abraçarem, depois de tan-
tos annos, o venerando Apostolo da In-
dia.

Felicitemos S. Ex.ª R.ª e seu digno
Secretario pela feliz viagem.

Estiveram ha poucos dias em Guima-
rães duas pobres mulheres, do colle-
gio da Fraga, onde vivem algumas re-
ligiosas de Santa Thereza, occupadas
no ensino de creanças pobres. Andava-
vam a esmolar para a sustentação do
mesmo collegio. Seguiram d'aqui para
Louzada e Penafiel, sendo muito bem
recebidas n'estes dois concelhos prin-
cipalmente pelas piedosas familias para
quem lhe demos recommendação. E tão
bem recebidas foram, que não pode-
mos deixar de agradecer muito penho-
rado ao R.º Sr. Frei Francisco da
Ave Maria, à Ex.ª Sr.ª D. Laura Len-
castre, ao Ex.º Sr. Barão do Calvario
e ao R.º Sr. Padre Justino Maximo
da Silva. As virtuosas Filhas de Santa
Thereza não esquecerão em suas ora-
ções tão bons protectores, e isto vale
bem mais que os nossos agradecimentos.

Em breve se dirigem para os lados
de Coimbra, e por isso muito as recom-

mendamos aos nossos amigos, lembrando a todos que procurem informar-se dos documentos que as boas mulheres levam, firmados por alguns dos nossos Prelados, para que não vão outras em nome d'ellas.

Tivemos ha dias a visita do Ex.^{mo} Sr. Dom Antonio de Almeida, cavalheiro respeitavel e nosso collaborador. S. Ex.^a manifesta no artigo que n'outro lugar se publica o seu sentimento por uma das faltas de Guimarães.

Diz *A Correspondencia do Este*, de Vienna:

«A guerra que Crispi faz á Igreja faz-lhe mais bem que mal, porque as suas primeiras consequencias foi avisar a questão romana e agrupar em volta do Papa, não só o clero, mas todos os catholicos.

O Vaticano, que tem visto passar mais fortes tempestades está menos inquieto do que a alguém parece. O Código penal, ainda que votado pelo Senado, não terá vigor antes de junho de 1889, e durante o tempo que medeia de aqui até então, quantas correntes politicas hão de mudar de rumo, quantas mudanças em toda a Europa!»

Bem ajuiza o nosso collega austriaco, e como elle vemos unicamente a mão de Deus em tudo que se está passando na Italia.

Ainda ninguem se tinha lembrado d'esta grande importancia que tem as Irmãs da Caridade, e os Jesuitas, em Portugal! Foi necessario que a *Sentinella da Fronteira*, d'Elvas, tivesse o privilegio da invenção; ou ella não fosse sentinella, que sempre tem mais cuidado.

Foi ella, a *Sentinella* que no seu n.º de 10 de julho se dignou dizer nos:

«Aqui as *Irmãs da Caridade* vendem empregos publicos e *collocações officiaes*; os jesuitas absolvem ou condemnam nos tribunaes.»

!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Valha a Deus senhora *Sentinella*! Se as Irmãs da Caridade vendessem empregos publicos e *collocações officiaes*, que espantosa roda de aduladores ellas não teriam! como os livres, os republicos, e até as *Sentinellas* lhe andariam a beijar a fimbria do habito á espera que lhes chegasse a vez!

Que grande roda de apologistas não tinham ellas, então, as pobres Irmãs!

Destinou ultimamente Sua Santidade 500:000 francos para a Propagação da Fé, e pela segunda vez 500:000 francos para as Missões.

E' n'isto que o Santo Padre gasta o dinheiro, respondendo assim eloquen-

temente áquelles que perguntam para que quer o Papa o dinheiro, em que o gasta.

No dia 2 do corrente tiveram a costumada reunião mensal as Filhas de Maria, de Guimarães, na igreja dos Santos Passos, que estava cheia de fieis, destacando-se por entre a multidão as fitas azul celeste, de que pende a medalha distintivo da Pia União.

Fez a pratica o R.^{mo} Padre Pereira, que por espaço de uma hora instruiu delectando as dedicadas Filhas da Virgem. Terminou com a Benção do SS. Sacramento.

Na freguezia de Quiaios, no concelho da Figueira da Foz, ha tambem um centro de Apostolado da Oração, de que é presidente um sacerdote respeitavel por sua piedade, havendo no dia 22 de julho a costumada festividade com missa solemne, SS. exposto, e dois sermões pelo R.^{mo} Padre José Gonçalves Lage.

Até aqui está tudo bem e nada ha de notavel; mas o mafarrico que não gosta nada de festas ao SS. Coração de Jesus, fez que para aquella freguezia fosse um *figurão*, que chegou á alta honraria de regedor e que é, ao mesmo tempo dono d'uma companhia de pescadores. Como tal quiz vingar-se dos festeiros, e no dia 22 obrigou os seus homens a ir ao mar para que não fossem ao templo. Deus, nosso Senhor, porém, que não costuma vingar-se, mas que gosta mostrar o seu poder, levantou o mar, as ondas embravecidas quizeram vingar o desacato, os pobres baixéis correm imminente risco de afundar-se, com os tripulantes, o mulherio em terra faz um herreiro atroador, o *pachata* as mãos na cabeça e os barcos entram em terra sem haverem pescado nem uma sardinha.

Ora aqui está mais uma prova de que se não brinca com Deus, e queremos parecer que o tal *figurão* não cairá n'outra, porque lhe ficou cara a zanga que mostrou contra o SS. Coração de Jesus.

A Correspondencia de Roma narra o seguinte facto que transcrevemos com prazer, chamando para elle a attenção dos nossos leitores:

«A radicalissima camara municipal de Paris, onde domina soberano o anticlericalismo, prestou ultimamente á Igreja uma homenagem, sem duvida involuntaria, mas nem porisso menos solemne e eloquente. Devendo-se arrematar diversas obras que tem de executar-se na grande capital franceza, deliberou-se que no contracto se imporá aos empreiteiros a condição de dar um dia de descanso na semana aos operarios. D'este

modo os radicaes do municipio parisiense confessaram implicitamente que a Igreja, ordenando o descanso dominical, protege os direitos da natureza e da sociedade. O governo republicano que-ria oppor-se a esta resolução com o pretexto que ninguem concorreria á arrematação, mas viu-se desmentido pelos factos. De *noventa e tres* empreiteiros que foram interrogados, *noventa e dois* responderam que aceitavam com todo o gosto esta clausula.

Seja qual fôr o espirito que dictou a resolução do municipio de Paris e que inspirou os que a acceitaram, é sempre um bello testemunho em favor do principio religioso.»

Muito desejavamos que muitos portuguezes meditassem n'isto e seguissem este exemplo, guardando o dia do Senhor, para que desaparecesse o vergonhoso costume de estarem as casas do commercio abertas aos dias santos, como em dias de mercado, algumas officinas em movimento, e até, o que é peor ainda, os homens das aldeias occupados nos trabalhos do campo, vindo ás cidades com carros e bois, etc. etc. Depois fazem procições de penitencia, quando o que deveram fazer primeiro era o observar a lei de Deus.

Srs. Joaquim Martins de Carvalho, Magalhães Lima, Consiglieri Pedroso, e toda a manada que berra da Igreja, e que julgam fóra da lei, os membros das Ordens religiosas, aproximem-se para ler o seguinte, que lhe offerecemos:

«O *Osservatore Romano* publicou n'um dos seus ultimos n.ºs o texto da Convenção estipulada e recentemente ratificada entre a Santa Sé e a Republica de Colombia. A Convenção consta de 33 artigos, com que são garantidos os direitos da Igreja como convem em um paiz verdadeiramente christão. O governo colombiano reconhece a Religião Catholica como um elemento essencial para a ordem da sociedade, e se obriga a protegê-la e a defendê-la, assim como aos seus ministros, e a conservar illesos todos os seus direitos e prerogativas; a manter a plena liberdade e independencia da Igreja, e a ter em solemne reverencia e honra todas as suas leis, a tutelar a posse de seus bens temporaes, e as immunidades dos logares e pessoas sagradas. O governo obriga-se solememente a deixar plena liberdade a todas as Ordens Religiosas d'ambos os sexos, a garantir legalmente a dignidade dos sacerdotes em todos os casos em que possam achar-se sujeitos os tribunaes publicos; a restituir á Igreja os bens que em peiores tempos governos impios lhe usurparam; a não permittir que nas

Universidades, Lyceos, collegios, escholas e todos os mais institutos, a instrucção não seja senão puramente conforme ás doutrinas da Egreja. ficando aos Bispos o direito de vigilancia e inspecção.»

Leram? E os governos de Portugal já leram tambem a noticia? E os deputados, pares do reino, etc. etc., tambem? Então aprendam.

Em Hespanha como em Portugal faz-se uma guerra infamissima contra as publicações puramente catholicas, não sendo livre d'esse cobarde attentado a *Revista Popular*, de Barcelona, assim como d'elle não é livre o *Progresso Catholico*, em Portugal.

Ainda bem que em Hespanha, os nossos collegas tem a firme adhesão de todos os bons catholicos, que os animam, que lhe offerecem meios para viverem, para continuarem na estacada da imprensa a pugnar pelos interesses catholicos. No seu ultimo n.º publicava o nosso respeitavel collega já mencionado, *La Revista Popular*, de Barcelona na uma carta, que prova bem o quanto Portugal está longe da Hespanha, no que respeita á protecção dada á imprensa catholica. Eis a carta:

«Meu querido amigo e snr.: Soube, ha pouco, que andam por esta cidade certas aves de man agouro, introduzindo-se nas casas onde a sua excellente *Revista* tem entrada, com o fim de lhe tirar subscripções, allegando falsidades indignas.

Muito bem, quando o numero de suspensões chegue a cem terá V. a amabilidade de mandar-me ordem para eu satisfazer todas as com assignaturas por um anno. E em seguida poderá V. abrir nova conta para outras cem, que tambem serão pagas da mesma fórma.

Barcelona 6 de julho de 1888.»

E' o contrario do que se dá em Portugal. Aqui, salvas honrosissimas excepções, os que melhor podiam e deviam animar as publicações catholicas são os primeiros não só a não as assignar, mas, o que é peor ainda, a assignal-as durante annos, e depois recusarem se a pagal-as.

Seria engraçado se os nomes d'estes *bons catholicos* fossem publicados! E ainda pôde ser...

De Mascarenhas narram-nos o seguinte:

«O facto miraculoso que passo a descrever é mais uma prova assás eloquente de quanto é justa, racional e consoladora a crença predilecta de todo o mundo catholico.

Francisca de Moraes, natural d'Argana, freguezia de Lamalonga, soffria horrivelmente d'uma ferida cancerosa no lado direito do rosto. Este soffri-

mento, começando ha 7 annos, assumiu ultimamente um caracter de tal gravidade que a ferida vertia sangue continuamente, alastrando se pelo rosto d'um modo assustador.

A doente recorreu a muitos medicos distinctos que lhe applicaram todos os remedios aconselhados pela sciencia, mas o mal continuava em sua marcha destruidora! Veñdo inefficazes todos os recursos therapeuticos, os facultativos declararam que era impossivel a cura, e um d'elles chegou a dirijir á doente esta pungente ironia:—V. só se curará, se lhe cortarem a cabeça.—Pois o que não pôde fazer a medicina da terra, fê-lo a medicina do céu! foi a esta que a pobre doente recorreu, já desamparada de todos os soccorros humanos; na vehemencia de sua dôr e com um coração cheio de fé recorre á piedosa Consoladora dos afflictos! dirige uma prece fervorosa á Virgem S.ª das Dores que se venera em sua ermida ha poucos tempos erecta junto de Lamalonga pelo seu devoto R.º José Antonio do Valle, e (ó poder admiravel de Maria!) Aquella que, no dizer de S. Bernardo, é o canal mysterioso por onde baixam dos ceus á terra todas as graças divinas, ouve propicia as orações de sua serva, enxuga suas lagrimas com maternal piedade, e faz baixar sobre o acervo de tantas dores o balsamo precioso da consolação e do conforto mediante uma cura quasi instantanea!

Pois no mesmo dia em que a doente implora o auxilio da Virgem o sangue cessa de correr, as dores desaparecem, o mal cede visivelmente e em poucos dias realiza-se uma completa cura! Este facto verdadeiramente milagroso tem despertado profunda commoção e assombro em todos quantos d'elle têm conhecimento.»

Ainda se faz d'isto na Italia revolucionaria, graças a Deus. E' do nosso esclarecido collega a *Correspondencia de Roma* a seguinte noticia, que é uma gloria para os jesuitas e para a magistratura de Milão:

«Num dos dias da ultima semana os tribunaes de Milão deram duas sentenças que mereceram as honras dum *tolla* geral dos jornaes liberaes. Estavam em scena os Jesuitas: e os liberaes logo que farejam um Jesuita é um louvar a Deus... Foi o caso.

O governo italiano, que sabe conjugar o verbo *surripio* em todos os tempos e modos, deitou as unhas a uns predios que os Jesuitas tinham em Milão, como cidadãos e não como collectividade ou *pessoa moral*.

Os Jesuitas apellaram para os tribunaes, intentando acção contra o governo. E vai o tribunal achá tão justa e clara a razão e justiça dos Jesuitas,

que condemna o governo nas custas e a pagar uma forte indemnisação.

Ao mesmo tempo o mesmo tribunal dá outra sentença numa acção que alguns professores tinham intentado contra os Padres *Oblatos de S. Carlos*, que em Milão dirigem um grande Collegio: a sentença absolve os *Oblatos* e condemna nas custas os *mações*, que queriam fazer mal ao florescente Collegio.»

Que diz a isto Snr. Joaquimzinho do *Conimbricense*? Junte, junte ás collecções.

Uma correspondencia de Braga para um jornal do Porto narra o estupendo facto de haver a professora da Barca, D. Izolina, fechado a aula porque ha 15 mezes que não recebia a mais pequena remuneração pelo logar que occupava.

Vê se que em Portugal se não quer instrucção, nem cousa que o pareça. As escolas officiaes, esses *fachos luminosos*, apagam-se por falta de *azeite*; os institutos religiosos, que ensinam sem pedir nada aos governos, são ameaçados de fechar-se, porque fazem sombra aos amigos da *liberdade*!

Não sei como se ha de ministrar instrucção ao povo n'este paiz!

Grande festividade em Souzaella, (Lousada) ao SS. Coração de Jesus. A imagem do SS. Coração foi conduzida processionalmente da casa de Eiravedra, no oratorio da qual foi benzida, recolhendo na Egreja onde teve lugar missa cantada a grande instrumental, o sermão, pelo R.º Padre Antonio Correia dos Reis Coelho, antigo missionario bem conhecido do pulpito portuguez e indiano, porque S. R.ª foi Deão da Sé de Goa.

Findou a festividade com um solemne *Te-Deum*. E diz-nos o *Correio de Lousada* que foi das festas mais pomposas que se tem visto ali, e o sermão dos melhores que tem ouvido ao sabio sacerdote.

Em volta de Guimarães preparam-se 3 grandes festividades ao SS. Coração de Jesus, de que fallaremos.

Tem muita graça o seguinte facto narrado pelo nosso collega lisbonense, a *União Nacional*, a que diz ser autentico.

«N'um tribunal de provincia, em Portugal:

Juiz.—Testemunha, jure aos Santos Evangelhos...

Testemunha.—Snr. Juiz, eu não juro porque sou atheu.

Juiz.—Official, ponha lá fora essa besta, porque aqui não é cavallariya.» Bem apanhada!